Lidiane Nunes da Silveira¹
Elenice Aparecida Coutinho²
Ana Louise de Carvalho Fiúza³

*A atualidade da obra Socit Rurale et Urbanisation
de Placide Rambaud para a compreenso das
transformaes do campo brasileiro*

Introduo

As polticas pblicas voltadas para o campo no Brasil demonstram, a todo momento, o quanto a imagem que se tem desse espao e das suas dinmicas importante para direcionar de forma eficaz os recursos investidos em prol do desenvolvimento territorial. A Academia vem mantendo-se em dilogo com os formuladores das polticas voltadas para o desenvolvimento rural ao formular conceitos como os de “pluriatividade” (CARNEIRO, 2004; SCHNEIDER, 2001) que desmistificaram a imagem do “falso agricultor”, provocando revises nos critrios de concesso de crdito estabelecidos pelo Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), ou mesmo ao chamar a ateno para a deficincia em termos de dinmicas interseoriais entre agricultura, indstrias e servios, que no conseguiram imprimir um “ciclo virtuoso de desenvolvimento” (ABRAMOVAY, 2009; KAGEYAMA, 2008; SILVA, 2007) no campo. Enfim, analisar as po-

1 Professora de Sociologia do Instituto Federal de Minas Gerais, campus Ouro Preto e doutoranda do Programa de Ps-Graduao em Extenso Rural da Universidade Federal de Viosa (MG). E-mail: lidiane.silveira@ufv.br

2 Licenciada e bacharel em geografia pela Universidade Federal de Viosa, MBA em Gesto e Anlise Ambiental (UNIVIOSA-MG) e mestranda do Programa de Ps-Graduao em Extenso Rural da Universidade Federal de Viosa (MG).

3 Professora do Programa de Ps-Graduao em Extenso Rural da Universidade Federal de Viosa (MG).

líticas públicas e mesmo as concepções que as subsidiam constitui-se em um importante exercício dialógico entre a Academia e o Estado.

Desta forma, este artigo objetiva recuperar as ideias de um autor que ficou à margem na sociologia rural brasileira, mas que tem importantes contribuições a dar sobre a relação de estreita proximidade entre *campo* e *cidade*, bem como entre rurais, *neorrurais* e *cidadinos*, ao refletir sobre as transformações pelas quais passou a sociedade rural na França, nos anos 1960 do século XX. Placide Rambaud apresenta uma perspectiva de “cultura urbana” expansiva e globalizante, que lembra de perto os estudos de Burke (2010) sobre hibridismo cultural, em que o autor revela uma dinâmica interna de escolha dos atores acerca das incorporações externas que absorvem nas suas vidas. A abordagem sobre o processo de urbanização da sociedade rural francesa por parte de Rambaud tem sido interpretada à luz de concepções teóricas que homogeneizam os espaços e seus atores, estando muito distantes das suas análises, que demonstrou exatamente o contrário em suas pesquisas. Assim, este artigo se constitui em uma oportunidade de aprofundar a compreensão acerca da importante obra de Rambaud *Société Rurale et Urbanisation* e desfazer interpretações que em absoluto condizem com suas afirmações.

Algumas notas sobre o autor

Em uma edição de 1991 da *Revista Francesa de Sociologia* (1991), François Gresle publicou um breve memorial sobre Placide Rambaud, sociólogo francês nascido em 1922, como forma de homenageá-lo por ocasião de sua morte, ocorrida em 1990. Segundo Gresle (1991), Rambaud fundou o Centro de Sociologia Rural da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) em associação ao Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), na França. Ao longo do tempo, Rambaud dedicou seus estudos à compreensão do trabalho agrário nas sociedades industrializadas e às consequências da urbanização sobre a sociedade rural. Objetivamente, este sociólogo francês se propôs a estudar o autodesenvolvimento dos rurais e o associativismo na agricultura, o que fez ampliar a sua amostra de investigação da região francesa de Savoie para a Europa do Leste e Israel. Mas, conforme ressalta Gresle (1991), a maior preocupação de Rambaud sempre foi a análise da evolução do *status* dos agricultores, das suas organizações profissionais e da sua integração à sociedade global.

Antes de falecer, Rambaud trabalhava no esboço de uma sociologia da Europa por meio da observação da Política Agrícola Comum, projeto que deixou inacabado. De acordo com Gresle (1991), as suas

principais obras foram: *As transformações de uma sociedade rural: a Maurienne* (1961-1962), em coautoria com M. Vincienne, publicada em 1964; *Aglomerados rurais em desenvolvimento*, escrita com H. Desroche e publicada em 1971; *Société Rurale et Urbanisation*, publicada primeiramente em 1969, com edição revisada e aumentada em 1973; *Sociedades rurais: autodesenvolvimento e intercooperação* e também *Sociologia rural*, ambas publicadas em 1976; *Uma vila da montanha: Albiez-le-Vieux em Maurienne*, publicada em 1981; e *O Kibboutz*, em parceria com E. Ben-Rafaël e M. Konopnicki, de 1983. Como obra póstuma, Rose-Marie Lagrave e Monique Vincienne organizaram e publicaram, em 1995, *Os fundamentos da Europa agrária*, condensando seus textos que pretendiam esboçar uma sociologia da Europa a partir da observação da Política Agrícola Comum.

Société Rurale et Urbanisation

Para melhor compreender a obra *Société Rurale et Urbanisation* de Placide Rambaud, é preciso atentar para o fato de que o livro foi editado pela primeira vez em 1969, mas revisado e aumentado em uma segunda edição em 1973. As principais mudanças concentraram-se na introdução e na conclusão dessas edições, tendo a introdução da segunda edição sido aumentada em relação à primeira. Parte da introdução da primeira edição, no entanto, foi realocada para a conclusão da segunda edição. Diante desse fato, optou-se por dar início a este artigo a partir da comparação entre as introduções das duas edições de *Société Rurale et Urbanisation*.

Na primeira edição, Rambaud (1969) faz uma breve revisão teórica acerca da concepção de cidade e campo, tocando inclusive em questões pertinentes ao *status* da Sociologia Urbana e da Sociologia Rural. Nesse esforço, Rambaud define urbanização como “a invenção de um modo de vida em vias de se tornar universal e de realizar a unidade do homem social” (RAMBAUD, 1969, p. 9). Como ressaltado nas notas sobre o autor acima apresentadas, com base em Gresle (1991), a preocupação de Rambaud nesse estudo era a de analisar as consequências da urbanização na sociedade rural. Para isso, compreendia a urbanização como um movimento complexo e como uma mudança cultural generalizada, valendo-se, inclusive, da perspectiva da aculturação.

Ao assumir esses pressupostos para explicar o processo de urbanização das sociedades rurais, Rambaud (1969) enfatizava o fato de que essas mudanças aconteciam de maneira diferente entre os diversos grupos sociais que compunham um mesmo *village*. Para o autor, enquanto alguns grupos manifestavam abertura para absorver determi-

nados aspectos da cultura urbana, tais como as mulheres e os jovens, podendo tornar-se até mesmo, em certos momentos, difusores dessa cultura, outros segmentos, como os homens adultos e idosos, podiam reagir de maneira hostil à incorporação de elementos da cultura urbana, oferecendo resistência ou mesmo revelando um processo de contra-aculturação. Assim, Rambaud evidenciava que a contradição fazia parte do processo de urbanização da sociedade rural, uma vez que o processo de urbanização multiplicava e dividia os centros de interesse dos rurais, provocando, nos diferentes grupos, reações que ora os aproximavam de determinados grupos urbanos, ora os afastavam.

Segundo o sociólogo francês, a urbanização se manifestava tanto na representação coletiva quanto nos materiais que se expressavam como símbolos sociais para os rurais. Assim, para compreender o processo de urbanização, Rambaud (1969) chamava a atenção para a importância de se observarem as representações coletivas que os rurais tinham de si e, também, da cidade. Desse modo, o autor procurou estudar as transformações ocorridas nos principais símbolos sociais dos rurais no seu processo de aculturação urbana, quais sejam: o trabalho, a escola, a imprensa e o turismo. Esses aspectos foram abordados em sua obra em capítulos separados.

Percebe-se que a perspectiva central no estudo de Rambaud (1969) é a dos processos sociais, através da qual o autor busca compreender a urbanização sob a lente da transformação social, o que pode ser notado na aplicação da ideia de *canevas*⁴, que no francês pode se referir a um bordado pontilhado sobre uma tela. O *canevas* expressa a ideia de um delineamento, de um traçado, que não possui forma pronta, acabada, que pode mudar durante seu percurso. Neste mesmo sentido, para o autor, o processo de urbanização poderia ser bem-sucedido ou não. Ao estudar as transformações da sociedade rural dos Pirineus, do Maciço Central, dos Alpes Franceses e do Valais Suíço, Rambaud propôs-se a responder, como questão central de sua pesquisa, por que a mutação destas sociedades rurais se efetuou na forma de uma alienação, utilizando-se a cidade como mediação para pensar o seu futuro.

Na segunda edição revisada e aumentada de seu livro, Rambaud (1973) amplia a discussão feita na introdução da edição anterior. Basicamente, ele estende a revisão do significado de urbanização, apresentando as perspectivas teóricas de vários autores. A partir dessa revisão teórica mais apurada que a da primeira edição, Rambaud

⁴ *Le Nouveau Petit Robert de la Langue Française*, 2009.

devota-se com maior afinco à explicação do que seria a urbanização. O autor assume a urbanização como um processo de diferenciação, de desenvolvimento e de dependência entre grupos sociais assimétricos e, às vezes, do *village*⁵ em relação à cidade. No que diz respeito à face econômica da urbanização, Rambaud acredita que ela modificaria a produção, as trocas e o consumo no *village*. No nível da produção, a urbanização instauraria uma crescente divisão do trabalho, profissionalizando este setor e promovendo a diferenciação dos agricultores. O autor acredita que “a urbanização provocaria um desenvolvimento econômico dependente e desigual das estruturas de produção, de troca e de consumo” (RAMBAUD, 1973, p. 20). As mudanças na esfera da produção, da troca e do consumo poderiam ocorrer a partir da instalação de indústrias no *village* e, ainda, pela expansão do turismo rural.

Outro aspecto levado em conta no seu estudo da urbanização é o sistema cultural. O autor admite, aliás, a existência de uma cultura “rural” ou “agrícola” que é tomada nos processos de urbanização. O resultado disso tanto pode ser a perda das especificidades da cultura rural como, ao contrário, a urbanização pode favorecer a existência de tais culturas, possibilitando a manutenção da diversidade cultural e aumentando o leque das escolhas para os indivíduos. Como exemplo empírico, Rambaud (1973) cita a escola e a imprensa como lócus das mudanças culturais que nascem na cidade e abarcam o campo.

Para Rambaud (1973), a urbanização também se realiza por meio da política. O autor acredita que haja uma relação estreita entre a acumulação de técnicas, as práticas centralizadoras do Estado e o fenômeno urbano, que atuam contra a dispersão típica dos *villages*. Não se pode negligenciar, como ele demonstra, que os critérios para definir o espaço são políticos e passíveis de serem remodelados. Ressalta, ainda, a tendência, nas regiões estudadas, de se formar um poder local nas sociedades rurais, muitas vezes de políticos de origem urbana.

Por último, o autor discute o urbanismo como uma modelagem do espaço, um sistema de símbolos que revelam e escondem as relações econômicas, políticas e culturais que o definem. Admitindo que haja um urbanismo do *village*, Rambaud (1973), ressalta que a urbanização o transforma. Por vezes, os agricultores adotam modelos arquitetônicos urbanos, modificando-os e adaptando-os à sua cultura. Ao contrário, as estações de turismo seriam, para ele, um exemplo relativo às transformações arquitetônicas que, objetivando o lucro do

⁵ Na segunda edição do livro, Rambaud (1973) utiliza o termo *village* no lugar de *campo*, adotado na primeira edição (RAMBAUD, 1969).

empreendimento, tentam reproduzir a cidade dentro do campo para atender aos objetivos dos turistas de origem urbana que procuram no campo os mesmos confortos citadinos.

Esses quatro aspectos se conjugam, com algum deles sobressaindo-se em relação aos outros no processo de urbanização. E, de acordo com o que domina desses quatro campos de ação (o econômico, o político, o cultural ou o relativo ao urbanismo), podem-se classificar os processos de urbanização em tipos variados. Ou seja, o autor também acredita que a urbanização é seletiva e diversificada e, às vezes, até mesmo opõe grupos sociais no interior do *village*. Esses diferentes grupos se ligam a grupos urbanos variados numa relação de dependência. Os grupos contraditórios no interior do *village* por vezes engendram conflitos, resistências e ações de contra-aculturação. Mas a urbanização também pode propiciar o desenvolvimento de uma sociedade a partir de unidades sociais e espaciais que se complementam e colaboram entre si. Tudo isso depende de quais grupos urbanos são os agentes, quais são seus objetivos, além da consistência e coesão do tecido social presente no *village*.

Outro ponto a destacar na comparação entre a primeira e a segunda edição diz respeito ao acréscimo de uma pergunta na segunda edição. Na primeira edição, a pergunta colocada na introdução era: *“por que a mutação da sociedade rural se efetua sob um modo de alienação em que os rurais utilizam a cidade como mediação para pensar e preparar seu futuro?”*. A pergunta acrescentada na segunda edição foi: *“em que condições a urbanização pode não ser uma alienação difundida, mas representar a possibilidade de invenção de uma sociedade integrada em que o village e a cidade sejam duas formas de organização social e espacial diferentes, complementares ou iguais?”* (RAMBAUD, 1973, p. 33).

As representações sociais dos rurais acerca do processo de urbanização

Rimbaud (1973) inicia o seu esforço de compreensão do processo de urbanização do campo a partir das representações sociais que os rurais fazem da cidade. O autor define a representação social acerca da urbanização, dentro de uma perspectiva durkheimiana, concebendo-a como a imagem que os rurais fazem das vantagens e inconvenientes de outra cultura. Apesar de o autor reconhecer que a representação dos rurais sobre a cidade é instrumental e às vezes até mesmo deformada, ele acredita que os conflitos de imagens por eles manifestados expressam as tensões entre os valores dos grupos em processo de urbanização, o que permitiria explicar por que a socie-

dade rural aceita ou recusa algumas transformações. Rambaud (1973) defende a perspectiva de que a própria representação social acerca da cidade já seria parte integrante do processo de urbanização.

Para apreender as representações sociais dos rurais sobre a cidade, o autor evocou as imagens espontâneas que os seus entrevistados dela faziam, bem como a imagem reflexiva, através do julgamento dos rurais de situações específicas. O sociólogo francês constatou que há duas características fundamentais nas imagens que os rurais faziam da cidade, sendo as outras apenas consequências. Os rurais viam a cidade como o lugar do trabalho e da instrução. Nas imagens espontâneas, os elementos econômicos apareciam com maior frequência nas respostas dos entrevistados, ao passo que, nas imagens advindas após uma reflexão, os elementos psicossociais passam a ser mais ressaltados pelos rurais. Principalmente entre as mulheres, a abertura de espírito, o acesso à cultura e as técnicas de informação se configuravam na imagem que elas faziam da cidade. Segundo Rambaud (1973), essa forma de representar a cidade refletiria a maior taxa de escolarização entre as mulheres do campo que entre os homens.

A cidade era vista, também, como o lugar da comunicação. Os rurais entrevistados por Rambaud (1973) acreditavam que na cidade a solidão seria menor que no campo, embora acreditassem que faltasse solidariedade na cidade, a qual se sobressaía no campo. Os rurais, ao construir uma imagem da cidade como o lugar da comunicação, contrastavam-na com o campo, concebendo-o como um lugar onde o diálogo seria restrito ou quase ausente, sendo este fato considerado por eles como o componente primário da solidão. Por outro lado, como aspectos negativos da imagem que faziam da cidade, os rurais destacavam, principalmente, aqueles relacionados à poluição: excesso de barulho, insalubridade, riscos de contaminação de doenças e falta de ar puro. Ressaltavam, ainda, que as comodidades criadas pelos objetos industrializados também poderiam complicar a vida se comparadas à simplicidade da vida no campo. Essas complicações relacionavam-se, ainda, às exigências de uma formação profissional, às necessidades de consumo e de manutenção de um status social. Já em termos das vantagens da vida na cidade, destacavam, principalmente, as oportunidades profissionais, a seguridade social, a obtenção de dinheiro e o tempo livre para o lazer.

Rambaud (1973) se perguntava se a imagem construída pelos rurais a respeito da cidade propiciaria a eles as condições para dar origem a uma nova cultura. O autor percebia que nas imagens dos rurais havia uma superioridade da cidade em relação ao campo. Para ele,

isso ocorria porque os rurais percebiam as vantagens da cidade em contrapartida às carências do campo. Rambaud destacou, ainda, que mulheres e homens, jovens e idosos, agricultores e não agricultores davam relevância a diferentes aspectos da cultura urbana, demonstrando que o processo de urbanização não acontecia como um projeto coletivo de uma sociedade que o concebia, o engendrava e o colocava em desenvolvimento. Ao contrário, para Rambaud (1973), o processo de urbanização ocorria de maneira individualizada, rompendo a ligação de cada indivíduo com a sua cultura de origem, sem, no entanto, integrá-lo à cultura global. O processo de urbanização ocorreria pelo encontro de uma cultura dominante e uma dominada que se cedia àquela, elegendo-a como seu modelo. A comparação da sua cultura com este modelo, sem questioná-lo ou criticá-lo, levava a uma inferiorização da própria cultura. O processo de adaptação à nova cultura ocorria, assim, de maneira individualizada, com o indivíduo reagindo à urbanização de maneira utilitária e seletiva. À moda de um *canevas* construído individualmente, cada rural absorveria da cultura urbana o que lhe conviesse, numa atitude de consumidor e não de um sujeito cultural.

Para demonstrar a importância do uso das representações sociais no estudo do processo de urbanização do campo, Rambaud destacou como a interpretação da sociedade urbana era diferente entre os rurais e os sociólogos. Enquanto os cientistas sociais dariam importância às características demográficas para definir a cidade e o campo, destacando aspectos relacionados ao seu dinamismo, povoamento, densidade e racionalidade, os rurais não davam relevância a esses elementos e tampouco opunham “meio natural” e “meio técnico” como critério de diferenciação entre o campo e a cidade, distinção geralmente utilizada pelos cientistas. Com isso, Rambaud pretendia destacar que os sociólogos deveriam estar mais centrados nas representações dos rurais acerca da cidade do que na sua própria representação do campo e da cidade.

A urbanização como um processo de desenvolvimento econômico: o trabalho e o turismo

Para Rambaud (1973), o trabalho possuiria lugar central como indicador das mudanças que ocorrem no campo. Mesmo que as outras instâncias como a escola, a imprensa ou o turismo representassem também elementos de urbanização da sociedade rural, seria pelo trabalho que os processos de urbanização se expressariam com maior vigor na sociedade rural, já que este se constituiria na maior preocu-

pação dos rurais. Por exemplo, para os rurais, a noção de desemprego não faria parte do seu universo, mas, antes, era reconhecida como um atributo da vida citadina, relativo às pessoas assalariadas. O campo seria para eles o lugar do trabalho, onde sempre se tem o que fazer. Por isso, também, o trabalho no campo seria tido como penoso, pois todo o tempo haveria o que arranjar, não existindo, ao contrário da cidade, o tempo do descanso ou do lazer. Assim, a imagem que os rurais constroem do trabalho urbano revela a cidade como um lugar no qual se pode observar a separação entre o *tempo de trabalho* e o do *não trabalho*, enquanto no campo isso não estaria presente.

Se o trabalho se constitui no aspecto mais importante da sociedade rural, pois ela se reproduz de forma direta, a partir dele, a propriedade da terra é condição base para se estabelecer no campo. A diferenciação do *status* social entre os agricultores franceses estudados por Rambaud, na década de 1960, era pautada na propriedade da terra, porque era a partir dela, do seu cadastro, que eram definidas as instituições sociais e delineado o tipo de trabalho, se agrícola ou de atelier, distinção esta que possuía um papel “moralizador”, em virtude de permitir o estabelecimento de laços sociais diferenciados entre os que detinham ou não a posse da terra. Não importa que a propriedade da terra fosse de parcelas muito pequenas, a valorização era direcionada a quem trabalhava a sua propriedade, reforçando o seu *status* de proprietário. Mas isso não significava que não estivesse presente a valorização da quantidade de terras, visto que quanto maior a propriedade, maior era o *status social* da família e inúmeros eram os poderes e símbolos que se acumulavam em relação à sua posse.

A sociedade rural enxerga na propriedade privada da terra a sua existência social. É sobre ela que se funda a casa e é com base nela que a família concebe o seu quadro espaço-mental presente e futuro. Já a propriedade comunal, quando existente, é vista como uma reserva de segurança para todos. Assim, em virtude do valor da terra e do trabalho sobre ela realizado, a partida dos jovens para a cidade resultava em um conflito intergeracional e em um desequilíbrio psicológico com os mais velhos. Na sociedade rural do pós-II Guerra Mundial, a partida foi diagnosticada por Rambaud (1973) como resultado da falta de trabalho suficiente para todos, mas ela era interpretada pelos mais velhos como uma falta de consciência ou até abandono da terra e da família pelos mais novos. Por outro lado, o contato com a cidade e com a sua cultura era reconhecido como podendo levar ao interesse pela técnica como fonte de diminuição do trabalho penoso e até aumento da renda.

Rambaud destacava que os jovens se mostravam mais interessados no modo de vida da cidade pelo fato de o tempo dedicado ao trabalho estar delimitado, bem como por poderem ganhar dinheiro de forma regular e fixa, embora reconhecessem que também perdiam em termos de falta de autonomia ao terem que seguir ordens de terceiros. As mulheres também se sentiam motivadas em relação à cidade, pois no campo o trabalho doméstico e o trabalho agrário se sobrepunham, de forma exaustiva. A cidade oferecia-lhes a possibilidade de sair de um ambiente extremamente masculinizado, no qual havia sempre a figura do pai, do marido ou do irmão a lhes darem ordens. Ao contrário, na cidade, o encontro e as conversas eram tidos como mais facilitados, rompendo com o fechamento, podendo elas ser mais ativas, ter acesso a formas de lazer no calendário e a mais liberdade, diminuindo o peso da violência autoritária que as mantinha servis dentro da estrutura social tradicional.

O pesquisador francês destaca que o processo de urbanização levaria ainda à substituição do *“trabalho como bricolagem”* – em que os rurais aprendiam através dos exemplos passados de pai para filho, fazendo um pouco de tudo – pelo *“trabalho como métier”*, no qual já se possui um sentido de profissão, especializada em um determinado tipo de tarefa. Na sociedade rural tradicional era preciso saber fazer de tudo. A cidade era concebida, ao contrário, como o local onde se aprendia *“o fazer”* a partir da escola, através da técnica, mas isso era visto pelos mais velhos como uma forma de os preguiçosos não quererem trabalhar. O que importava para eles eram os conhecimentos e as técnicas herdadas, que se aprendiam formando um *“arquivo”* do conteúdo coletivo da sociedade rural. Esse vínculo estabelecido a partir do conhecimento passado de pai para filho permitia a unidade da sociedade rural, em virtude da sua possibilidade de continuidade ao longo do tempo.

Mas essa continuidade dos costumes e tradições passados de geração para geração através do conhecimento herdado vai se enfraquecendo na medida em que o ideário do *“trabalho pelo trabalho”* vai sendo substituído pelo da valorização do *“trabalho pelo dinheiro”*. As relações com base na produtividade passam a se apoiar mais no conhecimento técnico-científico, que vai transmitindo ao agricultor maior domínio sobre a natureza e uma maior sensação de liberdade, em virtude de a técnica científica, o crédito e as políticas agrícolas assegurarem maior previsibilidade ao agricultor em relação ao futuro. Assim, a contabilidade, o planejamento, as relações comerciais e de assalariamento baseadas no dinheiro vão dando um caráter de profissão à agricultura. A

proximidade entre campo e cidade favorece ainda o desenvolvimento do turismo rural. A atividade turística no campo brota na sociedade rural francesa, motivada também pelo fato de que o trabalho agrário não se mostra suficiente, em alguns casos, para a reprodução social da propriedade familiar.

Rimbaud (1973) chama a atenção para o aumento das denominadas migrações de férias em direção ao campo, possibilitadas pelo aumento dos níveis de renda, pela diminuição do tempo de trabalho, pela crescente acessibilidade aos meios de transporte, próprios e públicos, bem como pela expansão da rede viária aos *villages* e pela valorização da natureza por parte dos cidadãos. O turismo rural passa a se constituir em mais um vetor de direcionamento da sociedade rural para a satisfação dos consumidores cidadãos. A urbanização do campo se manifesta por meio do trabalho com o turismo rural, redimensionando, gradativamente, as barreiras sociais que hierarquizavam agricultores e não agricultores, homens e mulheres nas sociedades rurais. O turismo cria profissões, especialmente para as mulheres.

Outro aspecto influenciado pelo turismo rural está relacionado à transformação do espaço físico, em virtude da tentativa de adaptá-lo aos padrões cidadãos. Novas funções passam a ser dadas às antigas e tradicionais construções, buscando a maior comodidade e afeição aos gostos dos cidadãos. O turismo, para Rimbaud (1973), causa uma revolução na sociedade rural, transformando-a no espaço e no tempo. Apesar de poder trazer mudanças positivas para a sociedade rural, o processo de urbanização, segundo Rimbaud, também pode ser muito oneroso para a sociedade rural, em virtude de suas referências normativas se deslocarem para os valores urbanos.

A escola e a imprensa como elementos da urbanização do sistema cultural

A sociedade moderna associa o trabalho e a instrução ao desenvolvimento. Os rurais, em face do processo de urbanização da sociedade, tendem a perceber a escola como o meio que pode colocá-los em outro patamar profissional⁶ e cultural. No entanto, segundo Rimbaud (1973), os agricultores mais tradicionais questionam o tempo dedicado à escola. Na sociedade rural, a inserção no trabalho se dá bem mais cedo que na cidade, tendo as atividades práticas um peso maior que as intelectuais. O processo de urbanização expande as oportunidades de acesso à escola para os jovens, minando a resistência, geralmente,

⁶ Saída da *bricolagem* em direção ao *métier*.

do pai, que interpretava a escola como o lugar do não trabalho, da preguiça e do desinteresse pelos afazeres do campo. Já para os jovens, a escolarização representava a possibilidade de um trabalho melhor, com melhores condições e chance de ascensão social.

É importante ressaltar que, mesmo para aqueles que valorizam a escola, inclusive os próprios jovens à procura de uma formação profissional, o formato citadino da escola acaba por desestimulá-los, em decorrência do afastamento do mesmo em relação às suas práticas diárias. Daí, inclusive, a maior inclinação dos jovens rurais pelo ensino relacionado ao aprendizado de uma profissão do que pelo ensino regular. Outro aspecto ressaltado por Rambaud é que, ao tornar necessário o exercício de uma profissão através da formação escolar, a urbanização favorecia a dissociação entre o saber herdado da família e o conhecimento técnico-profissional. Assim, a representação coletiva da profissão e sua prática constituem-se, nas palavras de Rambaud (1973), em uma das vias que asseguram a passagem da sociedade rural a uma forma de sociedade urbanizada.

A escola se constitui culturalmente no lugar da palavra, do saber dizer, do saber ler, contrapondo-se à cultura do saber fazer, referente à existência do rural. A palavra representa o domínio das coisas e a linguagem é produto e parte de uma cultura. Neste ponto, haveria, segundo Rambaud, outro conflito latente: a linguagem própria do mundo rural, chamada de *patoá*⁷, diferenciar-se-ia do francês “limpo” da cidade. Mediante o maior contato entre os dois tipos de linguagem, o *patoá* passa a ser evidenciado como a língua dos “atrasados”, e entre os jovens este confronto traz uma tensão entre o modo de existência rural dos pais e o modo de ser urbano do francês culto. Assim, o processo de aculturação dos rurais pela escola é pensado e vivido em termos de inferioridade social. Inferioridade que, na maioria das vezes, vem em forma de condenação.

Além do processo de escolarização que subordina, inclusive simbolicamente, o campo à cidade, a imprensa, representada pelo jornal, é outro instrumento de poder da cidade sobre o campo, em virtude de aumentar a difusão da cultura urbana. Através do jornal, a cidade transmite a sua mensagem de maior poder sobre o campo, seja pela escrita ou pelas fotografias. A ética do consumo se choca com a ética do trabalho rural, representando, principalmente para os jovens, um desvio de rumo. Eles encontram no jornal um forte reforço à necessidade de um trabalho remunerado que lhes possibilite tornarem-se

⁷ Dialeto regional francês mais presente nos *villages*.

consumidores, clientes em potencial. Rambaud (1973) afirma que o jornal, por meio da publicidade, procura confundir o desejável e o provável. Ele manteria uma conjunção ambígua de possibilidades, estabelecendo entre os rurais um futuro de possibilidades atraente e confortável que está em conformidade com o modelo de sociedade técnica produtora de abundância. Desta forma, o futuro se torna um objeto de consumo, fazendo do emprego uma necessidade. O campo se torna receptivo ao consumo. O resultado é o fortalecimento da ética do consumo em detrimento da ética do trabalho.

Outro aspecto ressaltado por Rambaud diz respeito ao fato de o jornal, enquanto um difusor da cultura urbana, trazer elementos da individualização, valorizando acontecimentos individuais como o casamento, a morte, os melhores esportistas, os militares, os eventos e as pessoas neles presentes. Além disso, ele habitua a socialização a partir da escrita, criando uma ligação entre o urbano e o rural, conquistando adesão através principalmente dos esportes e de concursos agrícolas. Os jovens passam a se interessar pelos esportes e pelos jogadores campeões. A imagem da cidade, proposta pelo jornal, pouco versa sobre o trabalho, retratando, sobretudo, os modelos de consumo e o lazer, ou seja, o tempo do ócio. Em síntese, o jornal se constituiria, de acordo com Rambaud (1973), em um importante mediador para a propagação do processo de urbanização, em virtude de se tornar essencial para a vida do *village*, que necessita de informação. Ao terem contato com o jornal, os rurais comparam a imagem da cidade com a imagem deles próprios, e o resultado desta comparação pode ser discreto ou violento, dependendo do grau de coesão do tecido social sobre o qual ele incide.

Os aspectos políticos do processo de urbanização

Na França, as regiões rurais são organizadas politicamente por meio das “comunas”, que correspondem ao poder municipal por serem dotadas de uma função política, ou seja, constituem-se em uma unidade administrativa. A comuna abarca em média uma área de 1.340 hectares, dividida em 47 explorações familiares, com uma média de 450 habitantes. Ela possui alguns bens coletivos inalienáveis e indivisíveis de usufruto igualitário. Contudo, para Rambaud (1973), a comuna possui uma característica decisiva que a coloca em uma posição bastante delicada diante do processo de urbanização: a comuna é bem mais política do que econômica. Sua função principal é criar cidadãos por meio do cadastro da propriedade rural e do registro civil, o que, de alguma forma, acaba por negligenciar o trabalhador

e a exploração agrícola e, por consequência, a economia rural. Assim, o autor afirma que a comuna se restringe à sua função política, não tendo como objetivo organizar uma política econômica para o campo.

Rambaud (1973), no entanto, reconhece na comuna uma função de mediação entre a sociedade rural e a sociedade urbana. Os rurais concentram seu poder na instituição municipal para elaborar a sua perspectiva de futuro e de desenvolvimento, tanto quanto para manter as suas características tradicionais. Dessa forma, para o autor, o poder municipal, originalmente político, recebe uma função econômica, embora na realidade não passe de um poder essencialmente social, baseado na sua representatividade. Rambaud destaca a força do poder econômico vindo da cidade no processo de urbanização, diante do fraco poder social da municipalidade local. O poder local da municipalidade ou comuna é descrito pelo autor como dividido em duas funções: um poder exterior, responsável por garantir as relações com a sociedade global, representado pelos prefeitos; e um poder interior, que representa a população por intermédio dos conselheiros. Ambos os poderes são controlados pelos adjuntos. Rambaud (1973) observa as transformações na sociedade rural da região francesa por ele estudada por meio das mudanças na representatividade política local entre os anos de 1953 e 1965. Essas mudanças foram notadas nas diferentes categorias profissionais, classificadas segundo o seu pertencimento a um campo ruralizado, um *campo urbanizado* ou um *campo em vias de urbanização*.

O autor observou que, nos anos citados, houve uma retração na representatividade dos grupos de agricultores, em detrimento do crescimento da representação de hoteleiros e de profissionais liberais. No *campo urbanizado*, o poder local passava cada vez mais a ser ocupado pelos profissionais liberais e hoteleiros. Em compensação, os operários e empregados que perdem espaço político no campo urbanizado ganham-no no *campo ruralizado*, em detrimento da representatividade dos agricultores. O *campo em vias de urbanização* também acompanha esse movimento, sendo mais parecido com o *campo ruralizado* do que com o *campo urbanizado* em termos de representatividade política.

Rambaud (1973) destaca o fortalecimento da representatividade dos hoteleiros nos diferentes campos, considerando-os como os agentes do poder econômico e os principais mediadores da urbanização turística. Essas transformações na representatividade política se mostravam extremamente expressivas das mudanças que ocorriam no campo: penetração do setor terciário, especialmente do turismo; aumento da monetarização e do consumo; incentivo à busca de novas

profissões e novas funções para o espaço agrário, o que obviamente reflete-se nas mudanças do poder político local. Segundo o autor, o cargo de prefeito era cada vez mais ocupado por indivíduos originários do campo, mas que viviam e tinham negócios na cidade.

Portanto, o poder municipal, no *campo urbanizado*, estava cada vez mais devotado às relações com a sociedade global do que à representação social da população no interior dela mesma. Isso se constituía apenas em um indício da forte diferenciação social que se efetivava no campo e que podia ser notada nas mudanças da representatividade local em termos de ocupação profissional. Essas transformações também tiveram como consequência o surgimento de diferentes organizações sociais, como sindicatos, associações e sociedades de desenvolvimento que podiam tanto preencher funções estritamente econômicas, deixando ao poder municipal as funções políticas, quanto funcionar como um contrapoder deste. Para o sociólogo francês, essa fragmentação do poder local também era um dos efeitos e condições da urbanização.

Considerações finais

Dois aspectos são essenciais na obra de Rambaud (1973) para compreender o processo de urbanização: as mudanças no tempo e no espaço. Em relação ao espaço, o autor discute dois diferentes processos que atuam na reorganização do espaço agrário, os quais acabariam, segundo ele, por influenciar também a concepção de tempo dos rurais. São eles: o crescimento do turismo no espaço agrário e a remodelagem fundiária engendrada pelo governo francês. O sistema *espaço-temporal agrário* estava organizado a partir da centralidade da família. A morada se constituiria na referência para a organização do espaço, desenhado em círculos concêntricos abrangendo todo o terreno da exploração. A sociedade urbana penetra nesse espaço, principalmente, ao criar o “espaço turístico”, às vezes organizado pelos próprios rurais que decidem mudar de profissão ou pelos cidadãos que passam a explorar este espaço dentro de padrões técnicos.

Essas modificações do espaço começam, então, pela casa, quando nela se separa o espaço destinado ao trato dos animais do espaço do convívio familiar. Sua arquitetura também é modificada segundo um modelo urbano de conforto. O consumo, para Rambaud (1973), também toma o lugar da tradicional produção, poupança e tesourização típica da família rural. Enfim, a relação estabelecida com o espaço ganha novas características, em virtude de este deixar de ser submisso a um trabalho marcado pelos ditames da natureza, passando

a ser crescentemente dominado pelo conhecimento técnico. Quando se criam espaços para o turismo no meio rural, a reorganização do espaço fica marcada pela intensificação das trocas sociais e culturais, pelo uso da linguagem monetária e pela diferenciação dos grupos sociais. A concepção da natureza também se transforma, passando a corresponder a um desejo de consumo e contemplação dos cidadãos em férias nos espaços destinados ao turismo rural.

As transformações do espaço engendradas pelo turismo tendem a modificar também os referenciais dos rurais acerca do espaço. Estes adotam referenciais espaciais mais abstratos e universais, em substituição às medidas antropomórficas através das quais caracterizavam o espaço. Antes mesmo do turismo e da industrialização da agricultura, a remodelagem fundiária também alterou a compreensão dos rurais acerca do espaço. Rambaud (1973) observou que os rurais não compreendiam a terra nem o tempo gasto no trabalho agrícola como fatores de produção, por isso não compreendiam também que a remodelagem fundiária, ao trazer para o proprietário parcelas de terras mais próximas das suas e criar caminhos que levavam até elas mais rapidamente, provocava uma melhoria na produtividade. Antes, os rurais demonstravam maior satisfação com os caminhos devido à comunicação que possibilitava em redução do tempo de percurso ao cultivo. Mas, ainda que não entendessem várias medidas adotadas a partir da remodelagem fundiária, esta consolida algo muito positivo na visão dos rurais: o reconhecimento do seu *status* de proprietários, tendo isso um valor maior que o da rentabilidade do trabalho agrícola para eles. Entretanto, Rambaud (1973) constata que a remodelagem fundiária consegue conduzir os rurais a uma mudança psicológica importante em termos de representação social do espaço da sociedade rural, no final de sua realização, o qual passa a ser percebido através de uma representação técnica.

A outra grande transformação engendrada pelo processo de urbanização, segundo Rambaud (1973) foi a transformação na concepção do tempo. Para o autor, até então, a sociedade rural concebia o passado, o presente e o futuro numa perspectiva de tempo linear. O futuro não era parte do horizonte de vida dos rurais, visto que as incertezas decorrentes das intempéries da natureza lhes impunham uma racionalidade voltada para o imediato, para a busca pela superação das suas necessidades de sobrevivência. Antes, era o passado que tinha preponderância, em função da importância da experiência como guia da ação, que se desenrolava sem grandes mudanças.

Rambaud (1973) afirma que na sociedade rural havia três formas de viver e conceber o tempo: uma calcada no presente; outra centrada no

passado, na memória; e a outra firmada na concepção de um tempo que não existia. Assim, havia grupos de rurais que viviam “no” presente, bem como grupos que fugiam do presente e outros que supervalorizavam a tradição, buscando repetir o passado. Com o avanço do processo de urbanização, o futuro aparece como algo a ser alcançado nesta vida. Outras atitudes passam a ser típicas dos grupos rurais em relação ao tempo: alguns se centram no culto do presente, outros se apegam ao tradicionalismo, outros ao “futurismo”.

Rimbaud (1973) ressalta que cada vez mais se tornava visível no campo a preocupação de grupos rurais com a prospectiva e o projeto e que esses grupos passam a querer o futuro, formulando planos a ser alcançados. Essa capacidade seria constituída, segundo o autor, a partir do desenvolvimento do comportamento econômico, do uso da racionalidade produtiva e da técnica, modelos estes tipicamente recebidos da cidade. Contudo, esses grupos não projetam o futuro todos da mesma forma: um espera um futuro novo em relação ao passado; outro concebe o futuro apenas como melhoria do passado. Os rurais que projetam um futuro novo, diferente do seu passado, adotam a previsão no lugar da experiência, orientando-se pelo tempo social no lugar do tempo natural, elaborando projetos econômicos, tomando as condutas urbanas como normas. O relógio e o calendário se incorporam ao seu modo de vida. O outro grupo permanece guiando-se pela ideia de necessidade: os projetos futuros estão voltados para assegurar o que se tem. Assim, busca-se alguma atividade para complementar a atividade agrária e assegurar o patrimônio herdado pela família. Este grupo, segundo Rimbaud, seria menos afeito a elaborar projetos para o futuro, sendo mais tradicional na configuração de um modelo para o amanhã. Percebe-se, assim, que os modelos de futuro, quando adotados, podiam se guiar pela tradição, como melhoria do passado, ou como inovação, rompendo com o passado.

Apesar disso, Rimbaud (1973) afirma que a sociedade rural, no seu conjunto, tinha a tendência a pensar o seu futuro em termos de melhoria do presente. Mas a ideia de uma melhoria não era suficiente, segundo o autor, para os rurais analisarem corretamente as mudanças colocadas em curso na sociedade rural pela urbanização. Para ele, seria a interiorização da concepção de desenvolvimento que seria capaz de constituir uma relação com o futuro. Mas tal concepção de desenvolvimento seria constituída a partir do seu envolvimento pela estrutura urbana, que englobaria a sociedade rural, levando os rurais a elaborarem as suas previsões e o seu próprio modelo de futuro. A concepção de desenvolvimento seria, assim, uma forma de acultura-

ção mental, uma ruptura com a situação anterior, permitindo à sociedade rural acompanhar a passagem do presente para o futuro.

Na perspectiva de Rambaud (1973), a urbanização seria a invenção de um modo de vida em vias de se tornar universal e de realizar a unidade do homem social, superando a separação entre o “homem-natureza” e o “homem-cultura”. Na sociedade estudada por ele, essa urbanização estaria ocorrendo, ao mesmo tempo como uma aculturação e uma alienação. Rambaud percebe como alienação o mimetismo, o processo pelo qual as sociedades rurais adotariam como modelo e projeto de futuro o modelo da cidade, sem engendrar os seus problemas e limitações como referência desse processo de transformação. Isto também ocorreria, na visão do autor, porque o processo de urbanização da sociedade rural estaria se dando por grupos específicos ou até mesmo por alguns indivíduos, acontecendo de maneira diversa entre os grupos. Enquanto parte da sociedade rural acolheria a mudança e se tornaria até difusora da cultura urbana, por entender que esta melhoraria as suas condições de vida, haveria grupos que resistiriam às transformações, chegando, inclusive, a tomar uma postura de contra-aculturação. Por isso, a urbanização da sociedade rural estaria se realizando por meio da diferenciação social, dispersando os centros de interesse dessa sociedade, o que de alguma forma contribuiria para o aumento da dependência e da desigualdade, já que alguns grupos rurais se aproximariam dos grupos urbanos, enquanto outros se tornariam isolados e fechados em si mesmos. Esse processo de urbanização por si só seria incapaz de promover o desenvolvimento rural. Neste sentido, Rambaud (1973) preocupa-se com a integração entre o campo e a cidade, ou entre a agricultura e a indústria, chamando a atenção dos formuladores de políticas públicas para os riscos trazidos pelos processos de diferenciação social.

Referências bibliográficas

- ABRAMOVAY, Ricardo. Conselhos além dos limites. In: ABRAMOVAY, Ricardo. *O futuro das regiões rurais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Madri: Akal, 2010.
- CARNEIRO, Maria José; TEIXEIRA, Vanessa Lopes. Pluriatividade, novas ruralidades e identidades sociais. In: CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano. *O novo rural brasileiro*. Novas ruralidades e urbanização. Brasília: Embrapa, 2004, v. 7. p. 15-38.

- FAVARETO, Arilson da Silva. A longa evolução da relação rural-urbano. Para além de uma abordagem normativa do desenvolvimento rural. *Ruris*, v.1, n. 1, 2007, p. 157-190.
- GRESLE, François. In memoriam: Placide Rambaud (1922-1990). In: *Revue Française de Sociologie*. 1991, 32-2, p. 155-156.
- KAGEYAMA, Ângela. *Desenvolvimento rural*. Conceitos e aplicação ao caso brasileiro. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.
- RAMBAUD, Placide. *Société Rurale et Urbanisation*. 1ª ed. Paris: Ed. du Seuil, 1969.
- _____. *Société Rurale et Urbanisation*. 2ª ed. Paris: Ed. du Seuil, 1973.
- SCHNEIDER, Sergio. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. *Estudos Sociedade e Agricultura*, abril 2001, 16, p. 164-184.

SILVEIRA, Lidiane Nunes da, Elenice Aparecida Coutinho, Ana Louise de Carvalho Fiúza. A atualidade da obra *Société Rurale et Urbanisation* de Placide Rambaud para a compreensão das transformações do campo brasileiro. *Estudos Sociedade e Agricultura*, abril de 2013, vol. 21, n. 1, p. 160-179, ISSN 1413-0580.

Resumo: (A atualidade da obra *Société Rurale et Urbanisation de Placide Rambaud para a compreensão das transformações do campo brasileiro*). Este artigo traz contribuições para a compreensão do desenvolvimento rural no Brasil a partir do processo vivido pela França após a II Guerra Mundial, relatado por Placide Rambaud. Rambaud se dedicou a descrever o processo de urbanização da sociedade rural na França, destacando a sua heterogeneidade. Para o sociólogo francês, esse processo evidenciava a diferenciação social dos grupos rurais, destacando que o mesmo podia causar diferentes níveis de dependência e desigualdade nas sociedades rurais. O autor considerava que o projeto de desenvolvimento podia ser vivido pelos rurais de formas opostas, tanto em termos da possibilidade de produção de uma nova cultura, como na forma de alienação.

Palavras-chave: Rambaud, transformações do campo, urbanização, Brasil.

Abstract: *(The current relevance of the work Société Rurale et Urbanisation by Placide Rambaud to understand transformations of the Brazilian countryside).* This paper contributes to understanding of rural development in Brazil by reflecting on the process experienced in France after World War II, as reported by Placide Rambaud. Rambaud described the process of urbanization of rural society in France, as well as its heterogeneity. For the French sociologist, this process shows up the social differentiation of rural groups emphasizing that it may cause different levels of dependence and inequality in these societies. The author considered that the “project” of development could be experienced by rural people in different ways, both in terms of the production possibilities for a new culture, as in the form of alienation.

Key words: Rambaud, Transformations in the countryside, Urbanization, Brazil.